

A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DA MORTE EM SCHOPENHAUER

Milene Dayana Paes Lobato¹

RESUMO

Este artigo objetiva explicitar o pensamento filosófico de Arthur Schopenhauer (1788-1860) sobre a morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si e suas interpretações no homem como vontade e representação do mundo. A construção deste trabalho filosófico se baseou em uma pesquisa bibliográfica, aprofundando o pensamento schopenhaueriano sobre o assunto em seus escritos como *O mundo como vontade e representação* e *Da morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si*, utilizando também referências da filósofa brasileira e professora da USP, Scarlett Marton. A perspectiva de Arthur sobre esse tabu na atualidade quebra a concepção equivocada da humanidade sobre a morte ser algo ruim ou assustador. Seu pensamento é visto um tanto quanto pessimista, no entanto, o problema não é sua interpretação sobre o assunto, mas a construção histórica que a sociedade compõe de ignorar a morte e viver como se esta nunca fosse chegar. As características que o filósofo expõe sobre o que é a morte e o que é a vida, sofreram grandes mudanças desde o século XIX em que viveu, até hoje no século XXI, descrevendo uma banalização da morte e uma distorção do seu significado. Espero com este texto contribuir para o aprofundamento do debate filosófico sobre a morte em Schopenhauer e sua relação com as diversas concepções existentes na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Medo da morte. Vida finita. Imortalidade. Angústia.

ABSTRACT

This paper aims to clarify the philosophy of Arthur Schopenhauer (1788-1860) about death and your relation to the indestructibility of our being-in-itself and their interpretations in the man as will and representation of the world. The construction of this philosophical article was based on a bibliographical research, deepening the schopenhaueriano thinking about the subject in his writings as *the world as will and representation, and of death and your relation to the indestructibility of our being-in-itself*, using also references the brazilian philosopher and Professor at USP, Scarlett Marton. The prospect of Arthur about this taboo today breaks the misconception of humanity about death being something bad or scary. Your thinking is seen somewhat pessimistic, however, the problem is not your interpretation on the subject, but the historical building that society consists of ignoring the death and live like this would never get. The characteristics that the philosopher sets out on what is death and life, have undergone major changes since the 19th century in which he lived, even today in the 21st century, describing a trivialization of death and a distortion of your meaning. I hope with this text contribute to the deepening of the philosophical debate about death in Schopenhauer and your relationship with the various existing concepts in contemporary times.

KEYWORDS: Fear of death. Finite life. Immortality. Anguish.

¹ UEPA. Centro de Ciências Sociais e Educação. Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia. E-mail: milenedayana222@gmail.com

Introdução

Diversas são as dificuldades encontradas na humanidade quando se trata da morte. O receio de falar, escutar e lidar com esse assunto faz parte de uma maioria massacrante dos homens. A ideia de que somos finitos nos enche de terror. Sabendo disso, **Schopenhauer** (1788-1860) desenvolveu um pensamento filosófico a cerca da morte que quebra todos os paradigmas criados por nós que nos impossibilita de compreender a morte.

A morte e vida são partes do mesmo todo, ou seja, são partições do mesmo ciclo do ser humano donde existem dois extremos de não-ser: o antes da vida e o depois dela. Assim, Schopenhauer analisa o medo da morte como, primeiramente, o medo de não ser, destacando que entre os dois tipos, as pessoas só sentem angústia com aquele que vem depois da vida, o que caracteriza para o filósofo uma falta de nexos nesse medo estruturado e consolidado nos homens. Contudo, apesar da morte ser uma certeza no universo humano, ainda o assusta e o angustia, por ser uma certeza misteriosa; afinal de contas, a morte é vista como uma negação da vida ou como um acontecimento natural? Pensar neste assunto remete um fim da vida ou um começo? São perguntas como estas que serão analisadas e discutidas na filosofia da morte, perpassando pelas construções históricas desde a Grécia antiga até a contemporaneidade, donde no primeiro, havia uma íntima relação entre vida e morte e, na outra, uma banalização dela.

Como o filósofo Platão – donde afirma que se preocupar com a morte é a boa via para filosofar – e Montaigne – que explicita que o filosofar é o aprender a morrer –, por exemplo, Schopenhauer caracterizará a morte como o verdadeiro gênio inspirador da Filosofia, é onde nasce o filosofar, elegendo um sentimento originado em um fenômeno natural como a própria inspiração da reflexão filosófica.

No entanto, com os contextos históricos e suas mudanças com relação à morte, a finitude humana foi perdendo lugar a vida eterna, donde morte perdeu o foco das atenções e a vida passou a ser o objetivo principal. O cristianismo, por exemplo, foi um dos principais fatores que influenciaram tal acontecimento, donde Jesus Cristo venceu a morte com a vida. Porém, os destaques de Schopenhauer mostram o quão prejudicial isso foi e o quanto a morte deve ser levada como uma solução ao sofrimento da vida, destacando até que, se realmente um Deus fez este mundo, não queria ele ser esse Deus, pois as dores do mundo dilacerariam seu coração.

Dessa maneira, os objetivos do estudo é especificar a inutilidade do medo da morte para Schopenhauer e os impactos que provocam na sociedade contemporânea. O além da morte física, a transmigração da alma – metempsicose – e a relevância em aceitar a morte e os meios

usados pelo filósofo para aliviar as angústias humanas são os paradigmas teóricos do texto que é estruturado em seu contexto histórico e sua concepção e conceito de morte, desmembrando, para um melhor entendimento, *O medo da morte e o problema da imortalidade* e *A metafísica da morte*.

Contextualização histórica de Schopenhauer

Arthur Schopenhauer nasceu em Danzig, em 22 de Fevereiro de 1788, ano em que foi publicado o livro “Crítica da Razão Pura” de Immanuel Kant.

Seu pai, Heinrich Schopenhauer, era um rico comerciante, banqueiro, e conselheiro da corte – o que o fez, desde cedo, preparar seu filho para os negócios –, sendo ele um homem de grande integridade moral, porém, violento, segundo o filho. Sua mãe, Johanna Henriette Troisiner, era uma escritora popular, dotada de grande cultura. De acordo com algumas informações, a relação entre seus pais não era muito boa.

No ano de 1789, foi o início da Revolução Francesa, e, também, a posse do primeiro Presidente dos Estados Unidos, George Washington.

Em 1793, a cidade onde Schopenhauer e sua família moravam (Danzig) foi tomada pela Prússia, fazendo com que emigrassem para Hamburgo. Neste mesmo ano, é publicado o livro “A Religião nos Limites da Simples Razão” de Immanuel Kant.

O pai de Schopenhauer deixou o filho na casa de um amigo comerciante, na França, para aprender a língua Francesa, onde estudou juntamente com o filho desse comerciante, com professor particular, por aproximadamente dois anos. Schopenhauer se refere a essa época como a parte mais feliz de sua infância. Por quatro anos, na sua volta para Hamburgo, foi educado para ser um homem de negócios. No entanto, não via interesse algum por essa área, desde muito cedo se interessou pela “ciência dos verdadeiramente sábios”, a filosofia. Ao concluir o curso básico com 16 anos, prosseguiu seus estudos, recomendado pelos padres, devido sua grande inteligência.

Aceito no Gymnasium de Hamburgo, dedicou-se à leitura dos livros. Entretanto, o padre sabia que relacionado a dinheiro, a filosofia não poderia competir com o comércio, então, convenceu Schopenhauer de viajar com seus pais e quando retornasse se dedicar apenas aos negócios. Então, em 1803, viajam para Holanda, França, e depois Inglaterra. Schopenhauer ficou em Londres aprendendo inglês. Posteriormente sua família continuou a viagem por Paris, Viena, Dresden, Berlim e Danzig. No mesmo ano, Napoleão tornou-se imperador pela Europa.

Em 1805, voltaram para Hamburgo donde Schopenhauer passou a estudar comércio e contabilidade com um comerciante e senador da cidade. No entanto, era mau aluno. Foi por este ano que seu pai faleceu, suspeita de suicídio, o que ocasionou a mudança de sua mãe para Weimar. Neste mesmo ano, Napoleão vira Rei da Itália.

Depois de dois anos, em 1807, Schopenhauer inicia seus estudos no Liceu de Weimar, mesmo ano que Hegel publica “Fenomenologia do Espírito” e Fichte publica “Discursos à Nação Alemã”. Em 1809, sua mãe passa para seu nome parte da herança paterna que lhe cabia, o que lhe assegurou uma renda para a vida toda. Por isso, nunca precisou trabalhar para se manter e ainda mostrava desprezo pelos filósofos que, segundo ele, vendem suas ideias. Schopenhauer se mudou de Weimar por conta de sua péssima relação com a mãe. Matriculou-se na universidade de Göttingen, onde em pouco tempo abandonou o curso e dedicou-se inteiramente à filosofia. Durante esse período leu Platão e Kant, que influenciaram muito em seu pensamento filosófico.

Em 1811 ingressou na Universidade de Berlim, onde estudou filosofia. Pretendia defender sua tese lá, porém, em 1813, – mesmo ano do nascimento de Soren Kierkegaard e mesmo ano da guerra de libertação da Alemanha – por conta da proximidade das tropas de Napoleão, partiu para Dresden e depois pra Weimar, onde rompeu de vez com sua mãe. Foi então para Rudolfstadt, onde concluiu sua tese, *A raiz quádrupla do princípio da razão suficiente*, que defendeu na Universidade de Jena, em 1814. De Jena, retornou a Weimar onde conheceu Goethe que havia escrito a “Teoria dos Cores”, porém, em 1816, Schopenhauer publica um tratado sobre as cores que divergia quase que totalmente com o de Goethe, o que ocasionou o rompimento da amizade entre ambos. Neste ano, Napoleão abdica e se retira para a ilha de Elba.

Em 1818 é publicado o seu livro *O mundo como vontade e representação* que é base de toda a sua filosofia: “O mundo é a minha representação”, escreveu Schopenhauer; composta por quatro livros, onde o primeiro trata da Teoria do conhecimento; o segundo, da Filosofia da Natureza; o terceiro, da Metafísica do belo; e o quarto, da Ética. Todas as outras obras são complementos dessa obra principal. Nesse conjunto está inserida a parte *Da morte e sua relação com a indestrutibilidade de nosso ser em si*, proposto neste artigo.

Em 1820, Schopenhauer é docente em Berlim, porém, não obteve êxito: suas aulas eram frequentadas por apenas três (3) alunos. Em contrapartida, Hegel, tinha suas salas de aula sempre lotadas. Em 1836 escreveu o ensaio de *Sobre a vontade na natureza*. Em 1839, recebeu a medalha de ouro em um concurso promovido pela Real Academia Noruega, cujo tema era o

“livre-arbítrio”; esta foi uma das únicas honras que recebeu em vida. Em 1844 foi publicado a Segunda edição de *O mundo como vontade e representação*; no mesmo ano, Kierkegaard publicou “O conceito de angústia” e Nietzsche nasceu. Em 1851 foi publicado *Parerga e Paralipomena* que são seus comentários a *O mundo com vontade e representação*. Em 1860, Schopenhauer morre em Frankfurt-sobre-o-Meno, onde morava com seu poodle, em 21 de setembro.

A concepção e o conceito de morte em Schopenhauer

A filosofia de Schopenhauer é fundamentada em uma filosofia da vontade que é o centro, a essência e a coisa-em-si do mundo. Todas as coisas são formas da objetivação da vontade, o princípio fundamental da natureza no perpétuo movimento de vida e de morte. A vontade é cega, arbitrária, tirânica e brutal, não possuindo nem um Deus que a controle, transformando o mundo em algo cruel, sendo responsável por todo o sofrimento do globo, que para Schopenhauer, são prévias da morte. Portanto, se a essência da existência é dor, a vida é então uma queda perpétua em direção a morte.

Para falar da concepção e o conceito de morte em Schopenhauer é preciso primeiro esclarecer o que é Vida para ele. A existência do homem é vazia; e o homem se torna consciente de sua existência após um estado de não-existência como um perpétuo retorno, o chamado pêndulo metafísico. O tempo é então algo ideal à natureza humana, pois a idealização dele é a chave para qualquer sistema metafísico, de certo que, de cada evento que vivemos, é por um momento apenas que podemos dizer que este é; após isso devemos dizer para sempre que este foi; essa ilusão de que devemos aproveitar o dia – a idéia da frase “carpe diem” – logo se desfaz quando refletimos que aquilo que passará logo, jamais poderá merecer um esforço sério. Schopenhauer parte então do pensamento de Platão sobre o *Éros*: desejamos aquilo que não temos e quando temos, não desejamos mais; assim, a existência humana é marcada por um desassossego, sempre vivendo o presente e buscando um novo que supere o atual. Em um mundo onde nada é estável, a felicidade é inconcebível, onde nenhum homem é feliz e a vida é uma constante mentira por dar a ele a ilusão de felicidade, quando na verdade não passa de ser ausência da dor – que inclusive não dura por muito tempo. Por conseguinte, conclui-se para o filósofo que a vida humana é um erro e a existência em si não possui valor algum. Para ele, a vida só tem sentido se olhada de longe, ou seja, superficialmente, pois se nos aprofundarmos em conhecê-la, veremos que esta é desprovida de sentido e beleza. A vida, é dor; quem deseja,

sofre; e quem vive, deseja. Mais do que participante da vida – e até mesmo motivo dela – a dor é necessária; para o filósofo, se a dor não existisse o homem morreria de tédio, pois conseguiria as coisas com muita facilidade e mais, ela nos faz sentir as coisas erradas da vida, enquanto a felicidade nos deixam acomodados. A vida é, portanto, matéria; a matéria é estruturada de vontade; a vontade é carregada de necessidades e ilusões.

Então, para quê e o que é a morte em Schopenhauer? É famosa a frase do filósofo que afirma a morte como musa da filosofia e ainda acrescenta a fala de Sócrates reconhecendo a filosofia como uma preparação para a morte. A morte é então, uma cura para os males da vida; se a vida é um erro, a morte é a solução. Para ele, a individualidade humana não deveria existir e o verdadeiro fim da vida é nos livrar-mos dela, todavia, a morte é uma necessidade pois aniquila a individualidade do homem realizando a principal condição: deixar de ser o que é; e se a vida é uma “amostra grátis do inferno”, por que preferimos o ser do que o não-ser? Schopenhauer ousa ainda mais dizendo que se bater nos túmulos e perguntar aos mortos se querem ressuscitar, recusarão sacudindo a cabeça. Ademais, cita Voltaire para explicitar com clareza o seu pensamento: *”Ama-se a vida; mas o nada não deixa de ter o seu lado bom”*; *“Eu não sei o que é a vida eterna, mas esta é uma brincadeira de mau gosto”*. Ora, quem em total reflexão iria preferir uma vida de dores constantes ao invés do nada tranquilo? Se analisarmos a vida de perto, veríamos quanto sofrimento detém dele, portanto, não seria a morte a coisa mais fabulosa em relação à vida? Contudo, se a vida é dor e sofrimento, se a individualidade/o egoísmo humano é um erro particular e um passo em falso, por consequência, algo que seria melhor não ser, então, a morte é sua aniquilação, por conta disso, a morte é a cura da doença humana: a Vontade; ou seja, para ele, no fundo somos algo que não deveria ser e, por conta disso, deixamos de ser.

A morte é um acontecimento tão importante para Schopenhauer que atribui, até mesmo, certa defesa ao suicídio; para ele, o suicida entende que precisa morrer, pois é preciso que ele morra para que a vontade seja cumprida. A vida é um ciclo constante, onde a morte é essencial no fluir deste ciclo. É preciso morrer para que a vida continue, é preciso que um saia para que outro entre, isso significa que nossa matéria deve ser descartada com a morte. Esta é então comparável ao pôr-do-sol em um determinado lugar, que é ao mesmo tempo, o nascer do sol em outro.

O medo da morte e o problema da imortalidade

“Filosofar é se preparar para a morte”; já está mais que claro que a morte é essencial para Schopenhauer e a vida, o maior erro já existente. Deste modo, se a morte é necessária, o medo da morte seria uma tolice pois o valor da vida é incerto; para o filósofo, o temor da verdadeira coisa que faz sentido na vida chega a ser ridículo, irracional e cego. Segundo ele, a angústia da morte é desprovida do conhecimento, pois este atua em sentido oposto da vontade de vida, nos revelando toda a insignificância da existência e combate, conseqüentemente, o medo da morte; pois, se o conhecimento fosse presente, saberíamos que a vida e a morte não passam de pequenos acidentes, para ele, é preciso sempre nascer de novo e retornar ao nada depois de um curto espaço de tempo para dar lugar aos novos seres; Schopenhauer se pronuncia sobre o assunto em uma fala em seus escritos sobre a morte, comparando o homem que ignora a própria essência a uma folha seca que se queixa quando sabe que irá cair, sem lembrar que de sua queda virá outra folhas, equiparando a geração dos homens com a geração das folhas; isto é, a folha seca tem sorte de cair da árvore, pois é a partir da queda dela que surgem novas folhas e que mantém a vida da árvore, assim como o homem tem sorte de morrer, pois é a partir dele que novas vidas virão.

O filósofo Stephen Cave em uma palestra do TED (Tecnologia, Entretenimento e Design) com o tema “As quatro histórias que nos contam sobre a morte” expressa bem o pensamento Schopenhaueriano sobre o assunto em sua fala: “o saber da morte é o preço que pagamos pela nossa inteligência”, esta inteligência seria o mesmo que consciência para Schopenhauer, que é a única coisa que nos faz temer a morte.

Como o filósofo possuía total noção que para aliviar a maior angústia humana era preciso um consolo, expressa então em alguns de seus escritos *Da Morte*; o primeiro é que em alguns casos a morte pode ser um bem, uma saída, uma “amiga bem-vinda”, como nos casos de grande sofrimento, dor, deficiência ou velhice, “neste sentido *defunctus* é uma bela expressão”, afirma Schopenhauer.

Outro pensamento expressado por ele seria a falta de sentido do temor pelo não-ser que seremos depois da morte, pois não tememos o não-ser antes de vivermos, pois perder algo que não podemos constatar a ausência não é nenhum mal, ou seja, tornar-se não-ser não pode nos afetar, da mesma forma que o não-ter-sido não nos afeta. É no mesmo posto de vista que a morte é analisada por Epicuro quando diz que a morte não nos concerne, ou seja, quando estamos vivos, a morte não está, e quando a morte está, nós não estamos mais. Outro filósofo

que expressa esse pensamento Epicurista é Wittgenstein (filósofo Austríaco, naturalizado britânico), afirmando que a morte não é um acontecimento da vida porque não se vive a morte; isso justifica que a morte não faz parte da vida, pois quando a morte está presente, a vida se ausenta.

Está absolutamente claro que, para o filósofo estudado, a vida é algo muito pior do que a morte, então se não temes a vida, também não dever temer a morte; assim, se vale a pena a existir, a morte também deverá valer. Contudo, é justificável o temor do homem sobre a morte, pois este é um ser repleto de vontade de vida e esta vontade pensa que será aniquilada com a morte, por isso faz o homem temê-la. Logo, ele deseja profunda e intimamente a imortalidade, como uma solução para sua vida finita. No entanto, para Schopenhauer, desejar a imortalidade da individualidade humana é querer perpetuar um erro ao infinito, pois cada uma dessas individualidades não passam de um erro particular. A existência infinita seria monótona, fastio e insignificante, uma vez que a vida se resume em: pranto, dor e aborrecimento; viver para sempre é repetir os mesmos erros e as mesmas dores perpetuamente. O conceito de eternidade não existe na natureza humana, pois somos matéria que deve ser descartada e reciclada.

A morte é o grande acontecimento de não ser mais o eu; e quem souber aproveitar não irá temê-la, sendo ela o momento que a individualidade se liberta de todos os laços com o homem, tornando a vontade novamente livre, dado que a liberdade reside no ser e não no agir. Daí provém, para ele, a paz e a tranquilidade no rosto da maioria dos mortos, pois separado será o nó do coração, resolvidas serão todas as dúvidas, e suas obras se esvanecerão.

A Metafísica da morte

Depois de analisar a vida, a morte e as angústias humanas, Schopenhauer apresenta o consolo mais importante de todos, que é o lado positivo da Vontade, a nossa essência indestrutível, no qual a morte não afeta. Para Schopenhauer, o tempo empírico é somente uma ilusão do intelecto – conceito de *Tempo* de Kant, que foi resgatado e revertido por Schopenhauer. Contudo, temos a ilusão de que com a morte o eu desaparece e o mundo permanece, mas é totalmente o contrário; o mundo não está menos em nós do que nós nele – não se pode pensar o fenômeno sem o sujeito; tudo que o mundo inclui ou pode incluir depende do sujeito, não existindo senão para ele, o mundo é representação.

Conclui o filósofo que na Vontade não existe temporalidade, então, existiremos para sempre e sempre existimos. Ao homem como fenômeno temporal, a noção de fim é aplicável,

pois a morte é o fim da existência temporal, não éramos antes do nascimento e não seremos mais depois da morte. Contudo, a morte não pode aniquilar aquilo que foi dado pelo nascimento, o ser-em-si. Esta coisa-em-si sempre terá uma mesma existência onde é aplicada as noções de começo, fim e duração; esta essência é a Vontade humana; diferente do conhecimento, que é mero fenômeno e finda com ele. Somente a Vontade é indestrutível. O destino do indivíduo humano é a morte, mas o do gênero humano, a vida infinita; a espécie é imortal, portanto, nosso ser verdadeiro está a salvo da morte; a Vontade sempre sobrevive.

É a partir dessas análises da indestrutibilidade do nosso ser-em-si, ou seja, nossa essência, que Schopenhauer fala sobre a metempsicose da Vontade – ou palingenesia – que significa a transmigração da alma, o eterno retorno dos nascimentos. Essa metempsicose concerne somente à Vontade, o que quebra com o conceito de transmigração da alma e transforma em transmigração da Vontade, que no momento da morte se separa de um intelecto e recebe um novo através do nascimento, criando um novo ser, que, no entanto, não vem com memória alguma passada – pois este tipo de intelecto se desvanece com a morte. Continuamente, Schopenhauer analisa o budismo –que concorda com essa teoria apresentada – , apesar de não ensinar a metempsicose, o budismo remonta uma regeneração particular que é fundada sobre uma base moral.

O filósofo comprova seu pensamento sobre a ligação entre nascimento e morte mostrando a grande taxa de fecundidade que segue de epidemias devastadoras, apresentando também as pesquisas de Casper (*A provável duração de vida humana* - 1835) confirmando que o número de nascimentos segue sempre com a mortalidade, aumentando e diminuindo na mesma proporção.

Schopenhauer mostra a existência da metempsicose em outras religiões – ou até mesmo em todas, com exceção da judaica e das religiões que derivaram dela –; no cristianismo, por exemplo, o pecado original seria uma espécie ou metempsicose indireta. Justifica assim o pensamento de Platônico sobre a idéia prevalecer sempre igual, onde uma geração será igual a outra. Para Schopenhauer, a metempsicose se apresenta naturalmente à convicção humana, desde que ele reflita, sem opiniões pré-concebidas, e onde ela não for encontrada é porque as novas doutrinas religiosas a destruíram. Consolida seu pensamento com as falas de Lichtenberg que escreve na sua autobiografia não poder se libertar da idéia de que morrera, antes de ter nascido, e Hume, que escreveu em seu tratado cético sobre a imortalidade, p. 23: “A metempsicose é, pois, o único sistema desse gênero que a filosofia pode ouvir”.

As dificuldades da metempsicose encontradas no judaísmo e nas demais religiões derivada desta é por conta de sua teoria da criação a partir do nada, um surgir do nada. Mas para Schopenhauer a doutrina mais correta é o bramismo e o budismo, que admitem uma existência antes do nascimento e depois da morte, sendo assim, a alma não foi criada, porque se fosse, não seria imutável; ela sempre existiu e sempre existirá.

Para Schopenhauer então, morrer de fato é chegar ao estado de *Nirvana*, que seria uma morte efetiva e não aparente; O *Nirvana* é um estado da mente de “supremo apaziguamento”, onde serão cessados os desejos e sofrimentos libertando-se das transmigrações da alma.

Considerações finais

Os reflexos do pensamento schopenhaueriano a cerca da morte é discrepante na sociedade contemporânea; o que ele propõe não é sempre pensar na morte de maneira mórbida, mas aceitá-la com seriedade, revendo nossos valores e nossas maneiras, já que esta é inevitável.

Desde os gregos até hoje, a morte ainda é a maior angústia do homem e seu maior medo é envelhecer e morrer, no entanto, em cada período da história a morte era vista de um ângulo diferente. Na Antiguidade, por exemplo, o direito de morrer era reconhecido (nesse caso, o conceito contemporâneo de *eutasia* era bem visto), havia uma forte relação entre vida e morte. Com o cristianismo, a vida substitui a morte, sendo um dom de Deus que deve ser cultivado; esse cristianismo reflete na modernidade trazendo consigo um dualismo ou uma dicotomia vida e morte, onde o homem “não se pode olhar de frente nem o sol e nem a morte” (De La Rochefoucauld), ou seja, os seres humanos são incapazes de encarar a morte. Na contemporaneidade o que prevalece é uma grande banalização da morte, onde ouvimos falar sobre o assunto permanentemente – com as notícias na mídia, as reportagens e as informações sobre novas doenças mortíferas – e mesmo assim é vista com horror e escândalo, sendo um fato como qualquer outro natural e ao mesmo tempo tão misterioso, levantando as perguntas que angustiam o homem: Da onde venho? Pra onde vou?

Com os avanços tecnológicos, os meios para retardar a morte e a velhice são diversos, o que ajuda a administrar o medo da morte que leva à crença no sobrenatural, no sagrado e na vida para além da morte. Desde os métodos antigos como o elixir mágico ou fonte da juventude; e o atuais como tratamentos hormonais, células-tronco, como uma ciência para evitar a morte. Contudo, apesar de todos os meios que o ser humano procura e cria para a imortalidade, no final, sempre morrem; surge a partir de então outra alternativa, a criogenia, que congela o corpo

até quando a ciência souber ressuscitá-lo, enquanto isso, surge a ideia da espiritualidade, de deixar o corpo e viver como alma, se refugiando nas religiões e crenças, pois o maior desejo do homem é a imortalidade, então sempre procura meios pra isso.

O medo da morte é inerente ao processo do desenvolvimento humano, se trata de um medo do desconhecido – ou seja, uma angústia –, que é somado com medo da extinção, de deixar tudo o que tem pra trás, de ficar sozinho e de sofrer. O resultado dessa valorização e ilusão de uma vida eterna causa bem mais sofrimento do que aceitar a morte como algo que faz parte do seu ciclo de vida.

A ideia do não-ser causa um desconforto gigantesco na pessoa, que acaba criando alguns mecanismos de defesa, querendo fugir de sua própria realidade. A socioantropóloga da Universidade de Quebec em Montreal-Canadá, Luce Des Aulniers, afirma que esse medo é o “pivô das civilizações”, pois a partir do desejo de perenidade, se desenvolve as crenças, ciências, artes, as técnicas, as instituições e até mesmo as organizações políticas e econômicas; saber que somos finitos nos força a viver, a nos relacionar, criar e construir coisas para garantir que não sejamos esquecidos.

Algumas pesquisas comprovam que pessoas com forte grau religioso possuem menos medo da morte, comprovando que a fé seria então um dos meios que ajuda na superação do terror da ideia de finitude. Outro meio também que funciona como um exercício espiritual de aceitação diária da morte vem de certas ordens religiosas católicas que costumam se cumprimentar dizendo: “*Memento Morri*”, que significa “Lembre-se de que vai morrer”, um contraponto de “*Carpe Diem*” (“Aproveite o dia”). Ou até mesmo como expressa o psicólogo do Centro Dharma da Paz, em São Paulo, Bel Cesar: “Refletir sobre a morte pode torná-la mais familiar e, portanto, menos ameaçadora”, ou seja, reconhecendo nossa finitude, reavaliemos nossas escolhas e comportamentos; segue, pois, a mesma linha de pensamento do filósofo Pascal que afirma a virtuosidade do homem quando sabe que irá morrer. Portanto, assemelha-se ao pensamento schopenhaueriano, isto é, pensar na morte faz refletir sobre a verdadeira finalidade da vida, que é viver cada instante com total consciência de que vai morrer.

Referências:

SALVIANO, Jarlee. **A Metafísica da Morte de Schopenhauer**. – Florianópolis (SC): 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da Morte/ Metafísica do Amor/ Do Sofrimento do Mundo**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo (SP): Editora Martin Claret, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo (O Amor — A Morte — A Arte — A Moral — A Religião — A Política — O Homem e a Sociedade)**. – São Paulo (SP): Editora Edipro, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Amor, Metafísica da Morte**. Tradução Jair Barboza. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. – 2ª edição – São Paulo (SP): Editora UNESP, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga e Paralipomena II (cap. 5, 8, 12 e 14)**. Tradução Wolfgang Leo Maar. In: Os Pensadores. – São Paulo (SP): Abril Cultural, 1980.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a filosofia e seu método**. Organização e tradução de Flamarion Caldeira Ramos. – São Paulo (SP): Hedra, 2010.

VASCONCELOS, Ana. **Manual compacto de filosofia**. – 2ª ed. – São Paulo (SP): Rideel, 2011.